

A AMARGURA DO PROFETA COM A MISERICÓRDIA DE DEUS

Jonas capítulo 4

Este capítulo descreve o efeito produzido, na mente e no coração de Jonas, da misericórdia manifestada por Deus aos ninivitas arrependidos, e o método usado por Deus para repreendê-lo.

Em primeiro lugar é importante recordarmos que Jonas, na qualidade de profeta no contexto do povo de Israel, estava sujeito a avaliação de seu desempenho com base no efetivo cumprimento de seus pronunciamentos. O seguinte texto nos ajuda a entender isso: “Sabe que, quando esse profeta falar em nome do SENHOR, e a palavra dele não se cumprir, nem suceder, como profetizou, esta é palavra que o SENHOR não disse; com soberba, a falou o tal profeta; não tenhas temor dele.”(Dt 18.22)

Não menos importante que isso era o fato de que Jonas compartilhava da aversão que os israelitas nutriam contra os assírios, pelos motivos já vistos no capítulo 1.

A soma de pelos menos esses dois sentimentos e preocupações, já havia feito com que Jonas se recusasse a atender ao primeiro chamado de Deus. Depois dos extraordinários e significativos acontecimentos subseqüentes, Jonas agora estava diante do que ele mais temia: 1- O arrependimento dos ninivitas, que veio através de sua titubeante instrumentalidade; 2- A iminente manifestação da misericórdia de Deus para com esse mesmo povo. Era demais para Jonas! Diante disso *“...desgostou-se Jonas extremamente e ficou irado.”*(Jn 4.1). Ele não apenas se desgostou, mas se desgostou extremamente, e não apenas isso, também ficou irado. Ato contínuo, Jonas orou. Nessa oração candente, Jonas não apenas expressa o seu profundo conhecimento do caráter de Deus, mas também a sua amargura com os acontecimentos. Logo de início ele deixa claro seu zelo exclusivista, nacionalista e xenófobo, ao dizer: *“Não foi isso o que eu disse, estando ainda na minha terra?”*(Jn 4.2). Nas frases de sua oração ele expressa seu profundo conhecimento do caráter de Deus, e com isso também justifica sua fuga para Tárzis. Alguns textos paralelos, em conteúdo, à oração de Jonas são: *“..., SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade;...que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado,...”*(Ex 34.6,7); *“...não farei cair a minha ira sobre ti, porque eu sou compassivo, diz o SENHOR, e não mantere*

para sempre a minha ira. Tão somente reconhece a tua iniquidade, reconhece que transgrediste contra o SENHOR,...”(Jr 3.12,13); “...Convertei-vos a mim de todo o vosso coração; e isso com jejuns, com choro e com pranto. Rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e convertei-vos ao SENHOR, vosso Deus, porque ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-se, e grande em benignidade, e se arrepende do mal. Quem sabe se não se voltará, e se arrependerá,...”(Jl 2.12-14); “Mas tu, Senhor, és Deus compassivo e cheio de graça, paciente e grande em misericórdia e em verdade.”(Sl 86.15); “O SENHOR é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno.”(Sl 103.8); “...ó Deus perdoador, clemente e misericordioso, tardio em irar-te e grande em bondade,...”(Ne 9.17b). No entanto, na visão estreita de Jonas, a misericórdia de Deus, tão bem conhecida dele, e agora muito mais ainda, devia ser manifestada apenas ao seu povo e não podia nem deveria ser estendida aos seus inimigos. Esse tipo de sentimento exclusivista e discriminatório ainda vemos hoje quando relutamos em considerar que Deus se recusa a ser inimigo de nossos inimigos. Nínive era inimigo histórico de Israel e Jonas pensava que Deus deveria ser inimigo dos inimigos de Israel. Mas ele é nosso amigo e também amigo dos nossos inimigos.

Além de sua profunda amargura, Jonas ora ao Senhor expressando também uma deliberada rebeldia contra a sua vontade. Novamente o profeta nos surpreende. Só que desta vez positivamente: Jonas não ficou amuado, em silêncio! Ele orou ao Senhor como um amigo enfermo, e não com a malícia de um inimigo. O que foi mais significativo para manter o seu relacionamento com Deus, mesmo difícil e doentio por parte de Jonas, foi ele não ter ficado em silêncio. Ele levou toda a sua carga a Deus. Ele fez de Deus seu conselheiro. Honestamente e sem reservas ele colocou diante de Deus todos os seus conflitos. Mesmo a injustiça de seus sentimentos ele não deixou de expor em oração. A sua enfermidade ele derramou diante do Senhor. Essa atitude de Jonas significou integridade e redundou em segurança. Na realidade Jonas não era inimigo de Deus. Com amargura ele derramou diante de Deus todo o seu desapontamento e frustração em estar ao seu serviço. Essa atitude de Jonas significou que as sementes da graça de Deus, da fé e da submissão, poderiam vir a brotar oportunamente. Se ele tivesse silenciado, teria surgido nele um sentimento de duplicidade que teria crescido e o afastado novamente da presença de Deus.

Essa integridade, transparência e até mesma uma certa rudeza, propiciaram a ele a segurança na presença de Deus. Quando anteriormente por causa dos mesmos sentimentos ele fugiu dos conflitos e da presença de Deus, tentando refugiar-se em Társis, descendo até Jope, ao porto, ao navio, ao porão do navio e ao sono profundo, acabou nas profundezas do mar no ventre do grande peixe. Agora, enfrentando suas mazelas e conflitos, foge para Deus, e apesar das amarguras, decepções e frustrações, encontra segurança na sua presença.

Isso não significou que os problemas e questionamentos de Jonas estivessem resolvidos, muito pelo contrário. Parece até que foram amplificados. Ao mesmo tempo em que Jonas, a partir daquele momento, começa a questionar a validade da continuidade de seu ministério profético, pedindo a morte, ele ainda acalentava uma tênue esperança de que Deus destruísse Nínive.

Ao pedir a morte, e assim dar por encerrado seu ministério profético, considerando que se voltasse para Israel seria motivo de escárnio e zombaria, ele demonstrava que prezava muito mais sua reputação como profeta do que as vidas daquelas pessoas a quem tinha sido enviado, contra vontade, para exercer seu ministério profético. Triste é pensar que ainda hoje, no ministério cristão, também encontramos pessoas que colocam sua reputação e senso de realização pessoal acima do seu chamado e das pessoas a quem são enviadas. O desejo expresso por Jonas de morrer lembra-nos a passagem em que o apóstolo Paulo, ao escrever aos filipenses, diz: *“...,para mim,...o morrer é lucro. Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher. Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor.”*(Fp 1.21b-23). A semelhança resume-se apenas no desejo de gozar a eternidade desde já, incomparavelmente melhor do que conviver com desafios, problemas e a presença do pecado. No entanto, enquanto Paulo subordinava esse seu desejo à utilidade de seu ministério ainda em vida, Jonas considerava-se, uma vez mais, no fim da linha, num beco sem saída, ou seja, efetivamente sem ministério. Assim como diante dos marinheiros ele pediu a morte (Jn 1.12), novamente fazia o mesmo agora, só que na presença de Deus. A disposição de Jonas continuava a ser: Ou do meu modo, ou de modo nenhum!

Mas, uma vez mais, Deus não desistia de Jonas! O gancho agora para o diálogo era a tênue expectativa que Jonas tinha de que Deus ainda cumpriria a sua (de Jonas) agenda: “..., *Jonas saiu da cidade, ..., até ver o que aconteceria...*”(Jn 4.5).

Deus passa então a dialogar com Jonas. Mas é um dialogo de reprovação, não é cordial, embora franco. Primeiro apenas com palavras Deus questiona Jonas, se é razoável a ira que ele sente em face dos primeiros resultados de sua ação profética. Jonas aparentemente não formulou resposta. Simplesmente toma uma atitude de espera antes de responder. Talvez, quem sabe, sua ira se desvaneceria com a possível destruição de Nínive? Sem resposta objetiva e formal à primeira pergunta, Deus passa a usar uma linguagem simbólica para alcançar Jonas. Aparentemente Jonas era pessoa de poucas palavras. Vemos isso no sucinto diálogo com os marinheiros no primeiro capítulo e na curta proclamação contra Nínive no capítulo 3. A rigor ele só foi prolixo, na sua oração no ventre do peixe, quando se encontrava numa situação desesperadora.

Deus só conseguiu a atenção de Jonas (que até aquele momento só tinha os sentidos voltados para o que poderia vir a acontecer de ruim com Nínive), quando começou a mexer com o seu bem-estar. Também acontece assim com muitos de nós. Só damos a devida atenção ao que Deus quer de nós quando nosso bem-estar é afetado, e aquilo que nos é caro é perdido ou comprometido. Agindo dessa forma Deus teve a maior atenção por parte de Jonas. Nesse ponto, conforme registro do fim do verso 8 em diante, as respostas de Jonas e a palavra de Deus formam um final dramático para o livro, que culmina com mais uma afirmação do próprio Deus acerca de sua compaixão, que sepulta as últimas esperanças de Jonas de que Nínive seria então destruída.

Não sabemos se, uma vez mais, Jonas foi convencido e re-instalado em seu ministério profético. Não sabemos também se seu aprendizado do caráter de Deus progrediu ou não. Não importa. O que importa é o que nós podemos aprender e responder a Deus depois dessa extraordinária experiência do profeta Jonas.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALEXANDER, T. Desmond. *Jonas, Introdução e Comentário – Série Cultura Bíblica*. São Paulo, Vida Nova, 2001.

D'ARAUJO FILHO, Caio Fábio. *Jonas, o sucesso do fracasso*. Niterói, Vinde, 1991.

KELLEY, Page Hutto. *Mensagens do Antigo Testamento Para os Nossos Dias*. Rio de Janeiro, Juerp, 1980.

MARTIN, Hugh. *Commentary on Jonah – The Geneva Series of Commentaries*. Pennsylvania, Banner of Truth, 1978.

PETERSON, Eugene H. *À Sombra da Planta Imprevisível*. Campinas, United Press, 2001.

SCARLETT, William & SMART, James D. *The Book of Jonah, Exposition & Introduction and Exegesis – The Interpreter's Bible*. New York/Nashville. Abingdon Press. 1956.